

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Maria Balbé Martins^{*}

Dirceu Luiz Alberti^{**}

Elaine Maria Dias de Oliveira^{***}

Resumo: O presente artigo resulta de uma pesquisa bibliográfica que teve por objetivo refletir sobre a relevância da formação continuada de professores no contexto contemporâneo. No seu desenvolvimento tentamos fazer uma necessária reflexão sobre a ruptura com um modelo de educação tradicional, com vistas a possibilitar uma ênfase na formação baseada na construção do conhecimento. Destacamos a importância da referida construção tanto para os professores em formação como em relação aos seus educandos, para que desenvolvam um papel ativo no processo de ensinar e aprender. Inicialmente realizamos alguns resgates teóricos sobre o contexto contemporâneo, o papel da escola e dos educadores na chamada sociedade do conhecimento. A partir daí, discutimos a importância da formação inicial e continuada de professores, apostando na inovação e criatividade em busca de uma educação de qualidade para todos.

Palavras-chave: Educação. Formação continuada. Inovação. Formação de professores.

Introdução

Estamos vivenciando mudanças aceleradas nas organizações sociais, políticas, econômicas e científicas no contexto atual. Alguns autores, tais como: Lévy, Asmann, Fullan e Hargreaves denominam este período como Sociedade da Informação, Sociedade Aprendente ou Sociedade do Conhecimento. As diferentes denominações indicam ênfase ao enfoque analítico e à proposta sócio-pedagógica que precisam ser refletidas no espaço escolar. Segundo Hargreaves (2004), em 1976, o sociólogo norte-americano Daniel Bell previu essa era social e usou a expressão *sociedade do conhecimento* para designá-la, traçando um mapa de transformação econômica que já havia iniciado, destacando a passagem de uma economia

* Pedagoga. Mestre em Educação – Professora da URI Campus Santiago.

** Mestre em Educação. Doutorando da UFSM. Professor da URI Campus Santiago. E-mail: alberti@urisantiago.br

*** Pedagoga. Doutora em Educação Professora da URI Campus Santiago.

industrial, na qual a maioria das pessoas estava envolvida na produção de coisas materiais, para uma economia pósindustrial, em que a força de trabalho passou a se concentrar com crescente ênfase em serviços, ideias e comunicação. (HARGREAVES, 2004, p.34).

Diante do exposto, o recurso econômico básico na sociedade atual não é mais o capital ou o trabalho, é e será o conhecimento, o valor maior agora está na capacidade de produtividade e de inovação.

Nessa sociedade em constante transformação e autocriação, o conhecimento é um recurso flexível, fluido, em processo de expansão e mudança incessante. Na economia do conhecimento, as pessoas não apenas evocam e utilizam o conhecimento “especializado” externo, das universidades e de outras fontes, mas conhecimento, criatividade e inventividade são intrínsecos a tudo o que elas fazem. (HARGREAVES, 2004 P. 32)

Na dinamicidade com que as informações são disseminadas, e que o conhecimento é exigido como ferramenta básica para a criatividade e a inovação, as instituições, culturais, econômicas, sociais e de ensino são pressionadas a ressignificar suas práticas.

Segundo Sousa Santos (1993), estamos vivendo um processo de ruptura paradigmática que recusa somente o uso da racionalidade técnica e do ensino cartesiano, predominante no paradigma da modernidade. Isso requer uma nova percepção de mundo, de homem, de ciência e, conseqüentemente, uma nova proposta para ensinar e aprender, em que as certezas absolutas dão lugar às incertezas, ao conhecimento provisório. Esse contexto pressupõe assumir o processo pedagógico com objetivos e estratégias pedagógicas diferenciadas, tornando a sala de aula um espaço de discussões, ação, argumentação e pesquisa, onde professor e aluno constroem juntos projetos de vida e de saberes.

1 Desenvolvimento

À educação formal, através da escola, é atribuída, desde os Anos Iniciais, a tarefa de preparar os sujeitos para atuarem neste mundo com as grandes transformações anunciadas. As mudanças em nossa sociedade justificam uma reforma do ensino, pois, embora a sociedade tenha sofrido tantas transformações, nosso sistema educacional permanece igual ao que acontecia no século passado.

Cabe questionar por que as mudanças ocorrem de forma tão rápida em outras instituições e na escola este processo é tão lento e difícil? Assim, parece necessário reinventar a nós mesmos e as nossas práticas pedagógicas para que a escola também acompanhe as mudanças contemporâneas, para que se transforme em um espaço de aprendizagem e

vivências que contribuam para a formação dos educandos de forma a favorecer o desenvolvimento de seu potencial. Para isso, é necessário repensar a concepção de educação superando a mera transmissão de saberes, e apostando na construção ativa do conhecimento, através de metodologias mais dinâmicas, ativas e interativas. Afirmam Kronbauer e Simionato (2008, p.26):

A pedagogia contemporânea entende que o processo de construção do conhecimento remete à aprendizagem, a uma educação que visa à formação intelectual e cidadã do sujeito, efetivando-se no espaço pedagógico através de espaços interativos de reflexão, de discussão e de permanentes questionamentos, que permitam ao acadêmico mobilizar seus conhecimentos, ressignificá-los e contextualizá-los frente aos novos conhecimentos.

É nesse sentido que precisamos questionar nosso ofício, nosso papel, nosso trabalho, perguntando-nos se como educadores, estamos preparados para atender a essas demandas do mundo contemporâneo e, ainda, as demandas pedagógicas que favoreçam a construção do conhecimento para a atuação na sociedade contemporânea. É neste sentido também que precisamos ter clareza de que é difícil assumir sozinhos este compromisso, e conhecimento de que a formação continuada, assim como um dever, é um direito prescrito na LDB nº 9394/96.

Para nos apropriar desta perspectiva, é importante investir na formação de professores, trazendo para debate o contexto social no qual se efetivará sua atividade docente, em busca da percepção de alternativas condizentes com as demandas atuais. Alternativas essas entendidas como inovação pedagógica. Ter clareza em relação ao conceito de inovação pedagógica, no entanto, é fundamental, pois esse não pode ser confundido com a modernização do espaço escolar, com o uso de recursos como computadores, tela interativa e oficinas, sem modificar as concepções sobre ensino e aprendizagem.

Carbonell (2002, p. 19) define a **inovação** como

um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas. (...) A **inovação educativa**, em determinados contextos, associa-se à renovação pedagógica. E também à mudança e à melhoria, ainda que nem sempre uma mudança implique melhoria: toda melhoria implica mudança.

Sousa Santos (1993), no que se refere à inovação, diz que é a dissidência do paradigma Tradicional de Ensino, centrado na transmissão e reprodução do conhecimento em direção a uma ruptura, um novo padrão em que ocorra a reconfiguração de saberes, poderes e conhecimentos no processo educativo. Isso significa dizer que necessitamos de outra proposta

para atender o paradigma emergente, não apenas priorizando o conhecimento científico, mas considerando o contexto social e suas especificidades. Souza Santos (2000, p.21) denomina esta proposta de *Paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente*.

Para que essa ruptura realmente ocorra é necessário, paralelamente ao investimento em equipamentos, investir na formação de professores. Um professor conservador, sem estímulo, sem apoio, sem entusiasmo, dificilmente irá inovar. Isso não significa dizer que não precisamos de recursos, pois no contexto tecnológico em que vivemos esses recursos são imprescindíveis na escola. Mas, junto a eles, mais do que nunca, para viabilizar a inovação pedagógica, a continuidade da formação docente é fundamental. Processo esse, pelo qual não só os professores e as escolas são responsáveis, mas também os mantenedores, tais como: a União, o Estado, os municípios, as Instituições de Ensino Superior, segundo a LDB 9394/96.

Para Nóvoa (2008, p.131), a inovação é favorecida também pelo estímulo à criatividade docente, pois

cada situação de ensino é única, devido ao uso da criatividade, que pode ser produto de uma experimentação ou inesperada e repentina. Mas, a criatividade proporciona a capacidade de o professor elaborar seu próprio trabalho e ter satisfação e realização pessoal e profissional. A criatividade docente pode ser uma forma muito eficaz para a libertação do profissional docente na contemporaneidade, pois uma vez desenvolvida nos professores pode trazer inovações, alargando fronteiras do convencional, introduzindo ou combinando novos fatores na prática docente, pois são eles que fazem com que as coisas aconteçam.

A criatividade, entre outras características importantes para a ruptura com o Paradigma Tradicional de Ensino, pode ser estimulada por processos de formação docente. O conhecimento de atividades alternativas pode favorecer a que os professores vivenciem outras possibilidade de trabalho, despertando a curiosidade, a vontade de buscar novas práticas para contagiar seus alunos. A experimentação e a vivência podem permitir a superação da ideia do professor como um técnico executor de tarefas, posicionando-o como produtor de conhecimentos. Esta perspectiva poderá se efetivar através de uma proposta de formação continuada. Cunha (2003) se refere à formação continuada como: “iniciativas de formação que acompanham a vida profissional dos sujeitos. Apresenta formato e duração diferenciada, assumindo a perspectiva de formação como processo” (CUNHA, 2003, p.298).

Em uma perspectiva colaborativa, a formação, favorece a apropriação sobre os processos de trabalho, possibilitando que os professores se autorizem a buscar novas práticas, rompendo com o instituído (PINTO, 2009). A interação os torna, ao mesmo tempo, aprendizes e ensinantes, num processo dialógico de produção do conhecimento.

Nóvoa (1999, p. 2), ao se referir sobre formação continuada, diz que, tanto nos programas de ação política, como nos documentos dos “especialistas” da União Européia, quanto na literatura produzida pelos investigadores da área da educação,

encontramos as mesmas palavras repetidas, sobre a importância dos professores nos “desafios do futuro”. Ou porque lhes cabe formar os recursos humanos necessários ao desenvolvimento econômico, ou porque lhes compete formar as gerações do século XXI, ou preparar jovens para a sociedade da informação e da globalização, ou por qualquer razão os professores voltam a estar no centro das preocupações políticas e sociais (NÓVOA, 1999, p. 2).

Porém, cabe destacar que, se os professores são centrais no processo de melhoria de educação que atenda às demandas atuais, a eles nem sempre são oferecidas as condições de trabalho e de formação mínimas para que as mudanças na educação ocorram no sentido de atender às demandas contemporâneas. Perez Gomez (2001) e Zeichner (2002) abordam esta questão paralelamente a situação dos baixos salários e da sobrecarga de trabalho, os quais também repercutem negativamente na prática docente.

Percebem-se algumas iniciativas relacionadas a ações de continuidade da formação dos professores em serviço, em que são disponibilizados recursos para a escola pública investir na formação continuada. Embora essas verbas estejam presentes em algumas proporções, muitas vezes, não são aproveitadas em uma perspectiva mais processual para o atendimento das necessidades docentes.

Nesse sentido, Nóvoa (1999, 2009), embora não se refira especificamente a formação continuada, e sim a formação como um todo, afirma que há um excesso de discurso e uma pobreza nas práticas na formação de professores. Segundo esse autor, não “é possível escrever textos e mais textos sobre a práxis como referência do saber docente, sobre professores reflexivos, se não concretizarmos uma maior presença da profissão na formação”. O autor considera, ainda, que é importante

assegurar que a riqueza e a complexidade do ensino se tornem visíveis, do ponto de vista profissional e científico, tornando-se um estatuto idêntico a outros campos de trabalho acadêmico e criativo. E ao mesmo tempo, é essencial reforçar dispositivos e práticas de formação de professores baseadas numa investigação que tenha como problemática a ação docente e o trabalho escolar (NÓVOA, 2009, p.7).

Nessa perspectiva, na formação continuada em processo de trabalho, destaca-se a relevância de valorizar as expectativas, as necessidades formativas, as experiências e os

saberes docentes, assim como a análise sobre as aprendizagens discentes e as condições e/ou dificuldades para se concretizarem.

Na área da aprendizagem matemática, encontramos alunos no Ensino Médio, e até mesmo na Universidade, com raciocínio lógico pouco desenvolvido e/ou com pouco domínio para resolver operações simples, que teriam de ser dominadas já nos Anos Iniciais. Muitos desses estudantes apresentam também déficit de aprendizagem na leitura e na escrita, encontrando dificuldade para interpretar um texto. Domínios esses fundamentais tanto para o Português como para a Matemática, cuja construção deve ocorrer no início da trajetória escolar. A consideração desse tipo de análise do sistema educacional pode ser importante balizador da formação continuada dos professores.

Seguindo essa linha de raciocínio, consideram-se as avaliações do sistema escolar como um possível suporte à formação docente, com o objetivo de gerar movimento no sentido da superação dos limites identificados. Os índices atingidos nas avaliações externas, pela maioria das escolas brasileiras, têm sido muito baixos nas disciplinas de leitura e escrita e, principalmente, em Matemática nos Anos Iniciais.

Sobre isso, assim se posiciona Machado (2012, p. 71):

No caso das redes públicas de ensino, urge repercutir os resultados das avaliações externas de forma a alavancar o desenvolvimento de processos subsequentes por parte de professores e equipes gestoras de unidades educacionais, configurando impactos desejáveis na escola.

Partindo dessa premissa, é importante olhar para os dados gerados por essas avaliações de maneira articulada ao Projeto Político-pedagógico das instituições, estabelecendo metas, desejos e, principalmente, ações para a superação desses desafios, envolvendo toda a comunidade escolar em um processo dialógico. Considera-se igualmente importante que todos os envolvidos com a questão, dentro da comunidade escolar, possam interagir em um processo colaborativo.

Neste estudo, define-se o trabalho colaborativo a partir de Damiani (2009, p. 42):

Os benefícios das culturas colaborativas estão ilustrados na obra *A escola como organização aprendente*, de Fullan e Hargreaves (2000). Nela, os autores ressaltam o valor desse tipo de cultura para professores, a partir do que denominaram "profissionalismo interativo" (p.Xi), cujas características, além de outros aspectos, incluem a tomada de decisões conjuntas, o compartilhamento de recursos e de ideias e a reflexão crítica grupal a respeito da prática desenvolvida.

É possível, assim, concluir sobre a urgência das escolas instituírem ações que nos direcionem a trabalho colaborativo entre os integrantes da comunidade escolar, sobretudo entre os professores, para alcançar mais sucesso nessa difícil tarefa pedagógica, melhorando o desempenho das escolas. Ainda, nas palavras de Pinto (2009, p.168):

Para a efetivação do trabalho colaborativo no seio da escola básica, possibilitando a constituição de uma lógica capaz de levar a melhoria da ação docente, faz-se necessário, entre outras situações, a existência de um tempo-espço no qual os educadores possam se articular, socializar experiências, compartilhar saberes e incertezas, realizar estudos, refletir sobre a própria prática e seus desdobramentos, planejar juntos, articular trabalhos, estabelecer estratégias de enfrentamento das questões que se colocam no seu dia-a-dia.

Essas parecem ações simples, possíveis de aplicação no contexto escolar, mas que não são valorizadas pela maioria das escolas e dos educadores. Então, questionamos: O que fazer para mudar esta realidade? O que está acontecendo com o processo de ensinar e aprender, nas escolas? Uma das possíveis alternativas para atender estas questões, é a aposta na formação continuada de professores, oferecidas no chão da escolas, atendendo seus anseios e necessidades formativas, através de um trabalho colaborativo e coletivo em busca de alternativas para a melhoria da aprendizagem de nossos alunos.

2 Resultados

Como resultados podemos frisamos a ideia de que a formação continuada é uma necessidade no sentido de manter os professores atualizados com todas as inovações que se apresentam a escola no contexto contemporâneo. No entanto, esta precisa ser pensada e repensada a partir da escola na tentativa de atender as demandas de formação dos educadores frente aos desafios da prática pedagógica cotidiana. Bem como, a melhoria dos índices desenvolvimento por escola e qualificação da aprendizagem do aluno tendo presente que mais importante que os índices é a busca do sucesso do aluno em sua vida acadêmica. Para tanto destacamos a necessária superação das práticas educativas tradicionais em busca da inovação pedagógica que atenda a construção do conhecimento de forma que a aprendizagem se torne significativa reencantando e despertando o desejo de aprender.

Considerações finais

Refletir sobre a formação continuada de professores, não se esgota em um texto, em especial quando se pretende uma discussão voltada para uma educação centrada no aprendiz. É necessário apostar em uma capacitação que contribua com o desenvolvimento dos professores, apostando na qualidade da educação para todos.

Diante do exposto, neste artigo, portanto, buscou-se refletir sobre as possíveis contribuições com a formação de professores para que sejam capazes de auxiliar os alunos, preparando-os para atuarem no mundo contemporâneo uma vez que a escola é um espaço organizado para auxiliar no desenvolvimento intelectual do ser humano e tem o grande desafio de atender às demandas educacionais atuais, o que torna urgente o repensar sobre a educação.

Referências

- ASSMAN, Hugo. **Reencantar a Educação**: rumo à sociedade aprendente. RJ: Vozes, 1998.
- CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar**: a mudança na Escola. POA: Artmed, 2002.
- CUNHA, Maria Isabel (Org.). **Formatos Avaliativos e Concepções de Docência**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- DAMIANI, M.; PORTO, T.M. E; SCHLEMMER, E. (Orgs.). **Trabalho colaborativo em educação**: uma possibilidade para ensinar e aprender. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.
- HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento**: educação na era da insegurança. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KRONBAUER, Selenir Correa Gonçalves; SIMIONATO, Margareth Fadanelli (Orgs.). **Formação de Professores**: Abordagens contemporâneas. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MACHADO, Nilson José. **Matemática e linguagem materna**: análise de uma impregnação mútua. 2.ed. São Paulo: Autores associados, 1991.
- NÓVOA, Antônio. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, v.25, nº1, São Paulo. Jan./jun. 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97021999000100002>>. Acesso em: 24 fev. 2013.
- _____. et al. **Profissão Professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2008.
- _____. **Professores**: Imagens do Futuro Presente. Lisboa: Educa, 2009.

PINTO, Carmem Lúcia Lascano. O trabalho colaborativo na Formação continuada de professores: Para Muito Além do Mar...Tecendo relações no cotidiano da escola. In: DAMIANI, Magda Floriana; PORTO, Tânia Maria Esperon; SCHLEMMER, Eliane (Orgs.). **Trabalho colaborativo/cooperativo em educação:** uma possibilidade para ensinar e aprender. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.

PINTO, Carmem Lúcia Lascano; BARREIRO Cristhianny Bento; SILVEIRA, Denise do Nascimento. Formação Continuada de Professores: ampliando a compreensão acerca deste conceito. **Revista Thema**, IFSul, v.07, n.01, 2010.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. Porto/Portugal: Afrontamento, 1993.

ZEICHNER, Kenneth. Formando professores reflexivos para uma educação centrada no aprendiz: possibilidades e contradições. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (Orgs.). **Professora – pesquisadora:** uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.